



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**  
**INSTITUTO DE LETRAS**

**A REDUNDÂNCIA NO PERÍODO ARCAICO**

**Ian Lezan Salvador**

**Brasília (DF), Dezembro de 2019.**

**Ian Lezan Salvador**

## **A REDUNDÂNCIA NO PERÍODO ARCAICO**

**Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Juliana  
Soledade Barbosa Coelho**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Instituto de Letras da  
Universidade de Brasília como  
requisito parcial para a obtenção do  
grau de Licenciado em Letras  
Português

**BRASÍLIA (DF), dezembro de 2019**

## **AGRADECIMENTOS**

À Dra. Juliana Soledade, por ser a melhor orientadora que eu poderia ter, por toda sua afabilidade e por toda a abertura que me foi concedida.

Aos professores do Instituto de Letras, em especial, à Walkiria Praça, que, com sua ponderação e afeto, sempre me foi porto seguro.

À minha família, pelo amor incondicional e pelo apoio.

Aos amigos que fiz na graduação, principalmente a Jussara e a Cássia, pela convivência diária e pela condescendência, ao Diego e à minha turma de latim pela companhia.

Ao Moisés Henrique, pelas conversas e pela estima.

## LISTA DE QUADROS

|  |    |
|--|----|
| QUADRO 1 – EXEMPLOS DE PLEONASMOS E REDUNDÂNCIA NO PORTUGUÊS ARCAICO ..... | 10 |
| QUADRO 2 – EXEMPLOS DE REDUNDÂNCIA NO SÉCULO XIII.....                     | 32 |
| QUADRO 3 - EXEMPLOS DE REDUNDÂNCIA NO SÉCULO XIV .....                     | 33 |
| QUADRO 4 - EXEMPLOS DE REDUNDÂNCIA NO SÉCULO XV (PARTE 1) .....            | 35 |
| QUADRO 5 - EXEMPLOS DE REDUNDÂNCIA NO SÉCULO XV (PARTE 2).....             | 36 |
| QUADRO 6 - EXEMPLOS DE REDUNDÂNCIA NO SÉCULO XVI .....                     | 37 |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| AGRADECIMENTOS .....                                | 3  |
| LISTA DE QUADROS.....                               | 4  |
| SUMÁRIO.....  | 5  |
| INTRODUÇÃO.....                                     | 6  |
| 1. REFERENCIAL TEÓRICO.....                         | 9  |
| 1.1 REDUNDÂNCIA.....                                | 9  |
| 1.2 SINONÍMIA E PARASSINONÍMIA.....                 | 11 |
| 1.3 METÁFORA E METONÍMIA .....                      | 14 |
| 2. METODOLOGIA .....                                | 18 |
| 2.1 O CORPUS .....                                  | 18 |
| A. COMO FORAM RECOLHIDOS E TABULADOS OS DADOS ..... | 18 |
| B. COMO FORAM ANALISADOS OS DADOS .....             | 18 |
| 3. ANÁLISE DE DADOS .....                           | 19 |
| 3.1 SINONÍMIA.....                                  | 19 |
| 3.2 SINONÍMIA CONTEXTUAL.....                       | 24 |
| 3.3 PARASSINONÍMIA .....                            | 25 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                          | 29 |
| REFERÊNCIAS .....                                   | 31 |

## INTRODUÇÃO

Para se pensar na constituição da língua portuguesa, é necessário resgatar historicamente algumas das especificidades envolvidas no processo de formação dessa língua. Primeiramente, frisa-se que foi o latim vulgar, o qual teve seu processo de fracionamento dialetal acentuado a partir do século V, que deu origem à língua portuguesa. Além disso, os contatos de substrato, superstrato e adstrato, ocorridos historicamente, também deixaram marcas nessa língua.

No século IX, no noroeste da Península Ibérica, já se falava uma língua diferente do latim, o galego-português, porém só três séculos depois é que surgem os primeiros registros escritos do português (LOPES, 2018).

Nesse sentido, embora não seja possível determinar uma data específica na qual o latim vulgar se transformou no que hoje chamamos de português, visto que o processo de conversão do latim vulgar em português foi lento e gradual, o português arcaico (PA), apesar de existirem divergências, pode ser considerado como iniciado a partir do século XIII<sup>1</sup> e compreendido até meados do século XVI.

Estudiosos da história da língua portuguesa, como José Leite de Vasconcelos, Serafim da Silva Neto, Pilar V. Cuesta, Lindley Cintra e Rosa Virgínia Mattos e Silva (2006) estabeleceram propostas de periodização do chamado português arcaico ou português antigo. Sobre essas propostas incide a controvérsia acerca da existência de uma unidade do galego-portuguesa num primeiro momento e uma ruptura entre a realidade linguística dos territórios divididos pelo rio Minho.

Desse modo, é possível afirmar que existem duas fases do português arcaico, a primeira compreendida entre o século XIII e meados do século XIV, em que o galego e o português ainda não haviam se diferenciado e a outra entre os séculos XIV e XVI, em que houve a cisão da unidade galego-portuguesa. Essa cisão deve-se, não só a fatores linguísticos, como as evoluções fonéticas, tal

---

<sup>1</sup> A pesquisadora Ana Maria Martins (1999) pleiteia para o texto *Notícia de Fiadores* (1175) o status de mais antigo texto escrito em língua portuguesa, muito embora, haja autores que concordem com esse postulado, há autores que se posicionam contra (EMILIANO, 2003), com os quais concordamos, primeiro porque não há na *notícia* material linguístico suficiente para defender que se trate de um texto em português. Do ponto de vista, da estrutura léxico-sintática, também é problemático dizer que se trata de língua portuguesa, muito mais nos parece um texto escrito em latim por pessoa de baixo letramento o que faz incidir certas características da oralidade na escrita.

qual o ensurdecimento das fricativas sonoras escritas z, -s e j, que se confundem com ç, -ss- e x (TEYSSER, 1982), mas também a fatores de natureza extralinguística, ligados diretamente à história de Portugal. Dessa maneira, após a Batalha de Aljubarrota, Portugal sofre mudanças político-culturais, que implicarão mudanças linguísticas, uma vez que as variedades do eixo Coimbra-Lisboa passam a assumir papel de maior prestígio.

A partir de meados do século XVI, inicia-se o período denominado português clássico. Esse período do português está relacionado às transformações que Portugal vivia, como a expansão marítima e, conseqüentemente, a busca por um “lugar de prestígio para o português” (SOLEDADE, 2004, p. 27). Assim, com o clima inovatório dessa época, surgem as primeiras gramáticas e a normatização, marcando o fim do português arcaico.

Então, uma vez que a primeira gramática da língua portuguesa, a *Grammatica da lingoagem portuguesa* (1536), de Fernão de Oliveira, só foi publicada no século XVI, o português arcaico é marcado pela ausência de normatividade, sendo, portanto, a variação um traço recorrente nos textos desse período. Quanto à ortografia, também não há, nesse período, um vocabulário ortográfico da língua portuguesa, o que faz com que diversas palavras tenham uma variação gráfica, por vezes, dentro de um mesmo texto. Assim, a palavra *falar*, por exemplo, pode ser encontrada grafada *falar* ou *fallar*; *gentio* pode ser grafado *gentio* ou *ge~tio*.

Ademais, é também por causa da ausência de normatividade que podemos ter noção de como era o português falado nesse período. Ainda, conforme Mattos e Silva (2006, p. 42) “não havendo uma normatização ortográfica, a análise da variação da escrita oferece indícios para alguma percepção da voz”.

É, então, o período arcaico da língua portuguesa o seu primeiro momento histórico, o seu nascedouro, e compreender processos linguísticos que se faziam presentes na língua nesse período é fundamental para compreender as bases em que se constituiu a língua de Camões. Além disso, fenômenos linguísticos do passado podem oferecer pistas sobre como a sociedade da época organizava os conceitos e categorizava as coisas do mundo.

Este trabalho debruçar-se-á sobre o período arcaico da língua portuguesa para investigar algo que Mattos e Silva (1989) identifica em seu livro *Estruturas*

Trecentistas como “coordenação de sintagmas parassinonímicos”, ressaltando ainda que, nos textos do período arcaico, “é frequente a repetição de sintagmas nominais que expressam a mesma circunstância coordenados”.

Este estudo será constituído dos seguintes capítulos: 1) a revisão bibliográfica, em que trataremos a questão da redundância, especificamente no português arcaico, dos conceitos de sinonímia e parassinonímia que dão base para a construção das redundâncias estilísticas no PA e os conceitos de metáfora e metonímia como processos cognitivos básicos para a construção dessas redundâncias; 2) a metodologia empregada, evidenciando o *corpus* utilizado, o método de seleção de dados e o número total de dados obtidos e o total de dados analisados; 3) a análise dos dados, como uma proposta inicial de estudo do fenômeno aqui abordado; 4) as considerações finais em que falaremos do que foi apreendido do nosso estudo e o que ficou ainda a ser respondido por essa pesquisa.

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 REDUNDÂNCIA

Inicialmente, ao se tentar buscar uma elucidação para o termo redundância, esbarra-se na complexidade que é abundância de definições e os diversos tratamentos dados a esse fenômeno. Nesse sentido, segundo o Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa (DHELP), redundância consiste na “insistência desnecessária nas mesmas ideias; excesso de palavras, de expressões; prolixidade, abundância”.

O vocábulo *redundância* também pode ser encontrado no Dicionário de Linguística (2001) organizado por Jean Dubois, sendo explicado como “termo tomado de empréstimo à retórica pelos teóricos da comunicação e pelos linguistas. Para os retóricos era uma figura de estilo, tinha quase o mesmo sentido de repetição e designava comumente um excesso de ornamentos do estilo”.

Segundo Mattoso Câmara Jr. (1998), a redundância no âmbito dos semantemas tem o nome particular e tradicional de pleonismo. Desse modo, na linguística, comumente a redundância é tratada pela via do pleonismo.

Nessa acepção, o pleonismo ocorre quando os elementos de expressão são mais numerosos que o exigido para a expressão de um conteúdo determinado (DUBOIS, 2001). Além disso, conforme Câmara Jr. (1998), “o pleonismo é essencialmente motivado por uma intenção estilística e pertence às figuras de linguagem”.

Neste trabalho, contudo, a redundância não será entendida como pleonismo, mas sim como um recurso estilístico típico do português arcaico, que implica o emprego de termos ou expressões que se apresentem como sinônimos ou parassinônimos, com o objetivo de reforçar, intensificar ou destacar as ideias transmitidas pelos elementos linguísticos.

Para que fique clara a distinção que se pretende estabelecer nesse estudo acerca do tratamento do fenômeno no período arcaico, observe-se quadro 1 a

seguir em que se confrontam exemplos de pleonasmos e exemplos de redundância:

Quadro 1 – Exemplos de pleonasmos e redundância no Português Arcaico

| Pleonasmo   | Redundância   |
|---|---|
| E ella lhe disse que ((L)) <i>entrasse p(er)a dentro</i> e e~trou na p(ri)meira casa e acharom ((L)) hu~u~ leyto mui boo de muitos panos ((L)) de grande vallor.( VS1, 66v) | tornarom suas faças e seus rrostr(os) atras, assy como ((L)) sse visem hu~u~ <i>maao</i> e <i>muy gravissimo</i> pecado |
| em Sevilha, <i>sairom fora</i> da çidade receber o corpo delRei (CDPI)  | Faz lhe perder os <i>amiguos</i> e <i>companheiros</i> porque perde ho credito  |
| Nenhuma molher de qualquer estado nom <i>entrasse dentro</i> no arravalde dos Mouros (CDPI)   | "Ai de mi, dizia David em pessoa dos pecadores, que a <i>minha casa</i> e <i>morada</i> he de my alõgada                |

Elaboração própria

Segundo Mattos e Silva (1989, p. 649), no período arcaico, “é a redundância sem dúvida um traço estilístico do texto”. Nesse sentido, é frequente encontrar estruturas, na prosa medieval portuguesa, em que ocorre a coordenação de elementos que são sinônimos ou parassinônimos.

Esse fenômeno pode ocorrer, segundo os dados aqui analisados, tanto em sintagmas nominais, podendo existir coordenação, sinonímica ou parassinonímica, de nomes, de adjetivos ou ainda de sintagmas nominais circunstanciais introduzidos por preposição, quanto nos sintagmas verbais, com emprego de verbos cujo sentido é o mesmo ou muito similar.

O emprego dessa construção redundante pode estar relacionado a diversos motivos. Uma das possíveis motivações é a superlativização, pois segundo Mattos e Silva (1989, p. 207) “a ausência do superlativo mórfico leva à utilização, para a expressão da superlativização, a repetição de um mesmo quantificador intensificando dois adjectivos coordenados, que se poderiam considerar parassinonímicos”.

Os aspectos organizacionais e motivacionais desse fenômeno serão melhor abordados no capítulo referente à análise.

## 1.2 SINONÍMIA E PARASSINONÍMIA

Os sinônimos são comumente referidos como sendo palavras que possuem o mesmo significado. Essa ideia acerca da relação de sinonímia pode ser encontrada, por exemplo, no Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa, o qual define sinônimo como “palavras que tem a mesma ou quase a mesma significação que outra”.

Nesse sentido, embora exista a definição de sinônimos como vocábulos com a mesma significação, é quase impossível se pensar em sinônimos perfeitos<sup>2</sup>, pois para se estabelecer uma relação de sinonímia há de se considerar diversos fatores, como a contextualização dos vocábulos. Dessa forma, “falar de sinonímia é saber as situações de uso da língua nos diversos contextos, é criar relações de sentido, mais do que uma simples relação de unidades léxicas que, tradicionalmente, estariam sendo intercambiáveis em todos os contextos” (LAFACE, 2002, p. 257). Nesse íterim, Antunes (2005, p. 154), conforme citado por Melo (2016, p. 33), nos dá um esclarecimento:

Compare-se, por exemplo, a diferença de sentido entre uma pessoa abatida x uma ave abatida. A expressão um café fresco pode funcionar como equivalente a um café quente, recém-feito. Em: uma água fresca, o sentido já é outro. Quer dizer, reafirmo, somente o contexto da interação materializado no texto – permite que se decida acerca das efetivas equivalências sinonímia.

Esse posicionamento também é corroborado por Ilari (2008, p. 170), quando afirma que

Sinônimos são palavras de sentido próximo, que se prestam, ocasionalmente, para descrever as mesmas coisas e as mesmas situações. Mas é sabido que não existem sinônimos perfeitos: assim a escolha entre dois sinônimos acaba dependendo de fatores a serem explorados.

---

<sup>2</sup> Todavia, Ullmann (1964) *apud* Soledade (2004) afirma que “seria errôneo negar a possibilidade de completa sinonímia.”

O autor ainda ressalta alguns fatores que necessitam ser levados em consideração para a escolha dos sinônimos, como a fidelidade às caracterizações regionais da fala, a preocupação em ressaltar as diferenças de sentido e diferenças entre os objetos de que se fala e, por último, o grau de formalismo da fala.

Além disso, Mattoso Câmara Jr. (1953), em seu livro *Contribuição à Estilística Portuguesa*, aponta que que é “a escolha de um termo exato não é mais, muitas vezes, do que o senso estilístico de integrar cada palavra num estado da alma ou na vibração de um apelo”. Dessa forma, há uma diferença estilística entre *beijo* e *lábio*, que inicialmente poderiam ser tomados como sinônimos, na obra de Raimundo Correia, em “grossos beijos frios”, a tonalidade do adjetivo se soma ao significado do adjetivo grossos, o que é oposto a “lábio purpurino”. (CÂMARA JR, 1953).

Nesse sentido, a sinonímia deve ser vista não como dois termos de mesmo significado, mas a partir das relações de significação como função dos itens lexicais (MELO, 2016).

A sinonímia não só diz respeito à linguística, mas também a aspectos psicológicos e filosóficos. Embora alguns autores, como Ullmann (1964), em sua obra mais emblemática sobre semântica, não apontem uma definição para sinonímia, é possível perceber algumas situações que limitam a permutação de sinônimos.

Desse modo, a diacronia pode estar diretamente relacionada com a limitação na permutação de sinônimos. Um exemplo disso é o que ocorre com *carro* e *veículo*. A intensidade e a afetividade também podem restringir a permutação de sinônimos, isso ocorre em *rejeitar* e *repudiar* e *mãe* e *mamãe*, respectivamente. Ademais, o prestígio e o caráter científico de um termo também podem restringir a permutação de sinônimos. A partir desses casos, portanto, percebemos a importância do contexto comunicativo para a escolha de um sinônimo.

Para Lyons, na obra *Semântica estrutural* (1963, p. 125), ainda não há “nenhum argumento que dê uma interpretação linguisticamente útil ao termo ‘sinonímia’” (Lyons, 1963, p.125) *apud* Soledade (2004). O mesmo autor, em *Introdução à lingüística teórica* (1979), propõe uma reflexão mais profunda sobre a sinonímia, afirmando, assim, a relevância do contexto a todos os níveis de

análise semântica, com isso, a sinonímia estaria completamente condicionada pelo contexto comunicativo. No mesmo sentido, o autor ainda faz uma distinção entre sinonímia total e sinonímia parcial, assim, como explica Soledade, leitora de Lyons:

A total se dá, quando os termos se equivalem de forma plena, total e completa, ou seja, são intercambiáveis em qualquer contexto – segundo ele, é esse tipo de sinonímia a que os autores semanticistas têm em mente quando falam de sinonímia ‘real’ ou ‘absoluta’ - e a parcial, quando não se cumpre uma dessas condições, mas sem deixar de ser um caso de relação de sentido, ou seja, sinonímia (SOLEDADE, 2004, sp.).

Outro ponto importante para ressaltar quanto ao trabalho de Lyons é que a sinonímia também atinge o nível sintático da língua, por exemplo: “eu li o livro” e “o livro foi lido por mim”, em que a mesma informação é passada por construções distintas.

Além disso, Lyons também discorre, tal como Ullmann, acerca das restrições na escolha de sinônimos. Nessa acepção, “o conceito de sinônimos afetivos é usado de forma bastante ampla para designar um grande número de fatores distintos que podem influenciar na escolha de um ou outro sinônimo numa dada situação” (LYONS, 1963, *apud* SOLEDADE, 2004).

Lyons (1963), desse modo, afirma que o conceito de sinonímia deve se restringir aos chamados sinônimos cognitivos. Assim “duas frases equivalentes, de mesma estrutura sintática, se diferenciam apenas por dois itens lexicais X e Y, esses itens são sinônimos” (SOLEDADE, 2004).

Além disso, outra relação que é percebida neste trabalho é a parassinonímia. Os parassinônimos, por vezes chamados de quase sinônimos, também pressupõe, para sua ocorrência, uma contextualização dos vocábulos, o que pressupõe uma dimensão histórica e cultural. Dessa forma tratar da parassinonímia é mobilizar traços significativos do léxico temático de áreas do saber nas zonas de sentido, conforme recortes das realidades de mundo, das crenças, das ideologias (LAFACE, 2002).

Ao adentrarmos essa temática, está descrito, na literatura, o processo de colocação de sinônimos. Nesse sentido, segundo Ullmann (1964, p. 315) “no processo de colocação sinônimo, um sinônimo está em estreito contato uns com os outros”. Esse fenômeno ocorre em vários usos, podendo ser utilizado, estilisticamente, para fornecer um meio para dar vazão a emoções fortes ou ainda tornar o significado mais claro e enfático (ULLMANN, 1964).

Desse modo, o autor faz um estudo acerca desse fenômeno utilizando exemplos da literatura inglesa e francesa. Assim, temos como exemplos “*liberty and freedom*”, “*lord and master*”, “*pray and beseech*” e “*serre, embrasse e environne*”.

É tomando essa acepção que este trabalho se desenvolve. Em diversas construções apontadas como redundantes, é possível perceber que há uma coordenação de termos, que, devido ao contexto, podem ser considerados como sinônimos ou parassinônimos

### **1.3 METÁFORA E METONÍMIA**

Embora, em discussões linguísticas tradicionais, a metáfora possa ser definida como “o uso não literal de uma forma linguística, utilizado como recurso para chamar atenção para uma semelhança despercebida” (TRASK, 2004, p. 190) ou ainda como “emprego de uma palavra concreta para exprimir uma noção abstrata, na ausência de todo elemento que introduz formalmente uma comparação” (DUBOIS, 2001, p. 411), a abordagem neste trabalho segue a via da Linguística Cognitiva (LC), a qual defende que “a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição” (FERRARI, 2018, p. 14) e “concebe o significado como construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais” (FERRARI, 2018, p. 15). Dessa forma, a abordagem da LC dá notável importância aos processos de metaforização e metonimização.

Nesse sentido, a metáfora, por vezes considerada uma forma especial de discurso, característica da linguagem literária, é tratada, pela abordagem da LC, como “um processo fundamental no uso cotidiano da linguagem” (FERRARI, 2018, p. 91). Desse modo, conforme a abordagem da LC, a metáfora é “um importante mecanismo cognitivo pelo qual domínios da experiência mais

abstractos ou intangíveis podem ser conceptualizados em termos do que é mais concreto e imediato” (GONDIM; PELOSI, 2013, p. 24) e é ainda, essencialmente, um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outros. Nesse ponto de vista, “diferentes modos de conceber fenômenos particulares estão associados a diferentes metáforas” (FERRARI, 2018, p. 91).

Ademais, destaca-se que “as formas de pensar, de compreender, de dizer, de convencer e explicitar o que se pensa, muitas vezes não são possíveis na ausência de metáforas, porque sem usá-las perde-se o sentido daquilo que, de fato, se deseja dizer” (GONDIM; PELOSI, 2013, p. 24). Nesse sentido, Lakoff e Johnson (1980, p. 3) afirmam que “metaphor is pervasive in everyday life, not just in language but in thought and action”, dessa forma, “our ordinary conceptual system is fundamentally metaphorical in nature” (Lakoff; Johnson, 1980, p. 3).

Além disso, uma das propriedades dos processos metafóricos é a unidirecionalidade, que pressupõe que as metáforas estabelecem correspondências entre um domínio-fonte e um domínio-alvo, mas não o contrário. Assim, as metáforas permitem que uma estrutura concreta do domínio-fonte seja projetada para o domínio-alvo. (FERRARI, 2018).

No entendimento da LC, alguns casos clássicos de metáforas são apresentados para promover o entendimento desse fenômeno. Assim, há, por exemplo, o caso do *conduit metaphor*, em que o conceito metafórico está associado à nossa experiência. Desse modo, em “é difícil colocar minhas ideias em palavra”, concebemos o falante como aquele que coloca objetos (ideias) dentro de um recipiente (palavras) e as envia (através de um conduto) para o interlocutor” (FERRARI, 2018).

Outro caso clássico de metáfora são as metáforas de tempo, em que tempo é concebido em termos de espaço ou de movimento através do espaço, nessa acepção, entram construções como “já estamos perto do natal” e “o tempo voa”, em que “recorremos ao conhecimento de base experiencial relativo ao espaço e projetamos para o domínio abstrato de tempo” (FERRARI, 2018, p. 92). Nesse exemplo, vale ressaltar, há uma ideia de que o ego se desloca por um caminho, em que o passado é conhecido e o futuro é desconhecido, todavia, é possível falar em variação interlinguística no que tange às metáforas de tempo. Assim, os falantes de Aymara, por exemplo, concebem o tempo de uma forma

estática, em que o conhecido está no campo visual do ego e o desconhecido está fora de seu campo visual. (FERRARI, 2018).

Nessa perspectiva, outro ponto que deve ser considerado no estudo das metáforas é que os valores culturais da sociedade são coerentes com as estruturas metafóricas. Com isso, “in general, which values are given priority is partly a matter of the subculture one lives in and partly a matter of personal values” (LAKOFF; JOHNSON, 2018, p. 23). Dessa maneira, antes da inflação e da crise energética, ter um carro pequeno tinha um elevado status dentro da cultura em que “SAVING RESOURCES IS VIRTUOUS took priority over BIGGER IS BETTER” (LAKOFF; JOHNSON, 2018, p. 24)

Por fim, as metáforas também são responsáveis por gerar construções polissêmicas. Nesse ponto, o verbo *virar*, por exemplo, envolve a ideia de mudança e, mais especificamente, de rotação de uma entidade sobre o próprio eixo, como em “a canoa virou”, todavia, outro uso é o que ocorre em “o carro virou na rua do ouvidor”, em que há uma mudança de direção na trajetória da entidade, outra construção com o verbo *virar* diz respeito à mudança de fases da vida como “quando você virar adulto”. Esses exemplos demonstram não só a polissemia de *virar*, mas também a integração entre elementos cognitivos, através de projeções metafóricas e metonímicas, bem como a atuação de fenômenos socioculturais sobre a forma como construímos nosso pensamento e nossa forma de expressá-lo.

A metonímia também é um fenômeno que diz respeito não apenas à linguística, mas também ocupa um lugar de destaque em nossos processos cognitivos. Nessa acepção, Gondim e Pelosi (2013) baseados em Barcelona (2003) afirmam que “no que diz respeito à metonímia, na vertente da LC, ela é concebida como uma projeção conceitual em que um domínio experiencial (FONTE) é parcialmente entendido em termos de outro domínio experiencial (ALVO)”. Para Lakoff (2000 p. 77) “it is extremely common for people to take one well-understood or easy-perceive aspect of something and use it to stand either for the thing as a whole or for some other aspect part of it” e para Johnson e Lakoff (1980, p. 35) a metonímia está presente quando “utilizamos uma entidade para nos referirmos a outra relacionada”. A metonímia é, portanto, “uma das mais ricas fontes de efeitos prototípicos, pois, em sua essência, ela está estruturada a partir do princípio de que um membro de uma categoria, uma subcategoria ou

um submodelo, é tomado como representativo da categoria ou do modelo todo” (GONDIM; PELOSI, 2013, p. 25)

Além disso, “apesar discutirmos separadamente os conceitos de metáfora e metonímias, elas não são excludentes, podendo ocorrer de forma simultânea e estar em constante processo de interação” (GONDIM; PELOSI, 2013, p. 26). Essa interação pode ser percebida no processo de metaftonimia, que pressupõe que uma construção linguística pode ser analisada tanto sob um ponto de vista metafórico como sob um ponto de vista metonímico. Nesse sentido, Ferrari (2018, p. 105) traz como exemplo de metaftonimia “o primeiro-ministro não deu ouvidos às reclamações do deputado”, que é licenciado pela metáfora ATENÇÃO É ENTIDADE TRANSFERIDA, mas dentro dessa metáfora há a metonímia que toma OUVIDO por ATENÇÃO.

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1 O CORPUS**

#### **a. COMO FORAM RECOLHIDOS E TABULADOS OS DADOS**

Este trabalho advém de uma pesquisa em nível de graduação, em que o objetivo foi a investigação da redundância em termos coordenados sinônimos ou parassinônimos no português arcaico. Para se alcançar os objetivos dessa pesquisa foram utilizados textos da prosa medieval portuguesa, tendo como fonte para recolha de dados o “Corpus Informatizado do Português Medieval”. Assim, foram analisados os seguintes textos: *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*, do século XIII, *Corte Imperial*, do século XIV, *Crónica de Dom Pedro I*, do século XV, *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, do século XV, *Catecismo*, do século XVI.

Os dados recolhidos foram sistematizados em tabelas, de 315 termos redundantes. Todavia, por limitações da pesquisa, foram analisados apenas 32 termos redundantes, os quais foram escolhidos com o objetivo de abranger a maior variedade possível de sintagmas e houve, ainda, a preocupação de realizar a análise com dados de diferentes séculos.

#### **b. COMO FORAM ANALISADOS OS DADOS**

Este trabalho cingiu-se em torno da redundância de algumas construções do português arcaico. Dessa forma, buscou-se comprovar o porquê de dois ou mais termos coordenados serem sinônimos ou parassinônimos. Para isso, os dados presentes neste trabalho foram analisados a partir de seu significado considerando, para isso, o contexto e o uso de metáforas e metonímias.

Insta frisar ainda que houve o auxílio da ferramenta Dicionário de dicionários do galego medieval (DDGM), da Universidade de Santiago de Compostela e da ferramenta Dicionário de Verbos do Português Medieval (DVPM), disponibilizada pelo “Corpus Informatizado do Português Medieval”.

### 3. ANÁLISE DE DADOS

#### 3.1 SINONÍMIA

Dentre os dados recolhidos neste trabalho, destacam-se as construções em que a redundância se dá por meio da coordenação de sinônimos. Dessa forma, no século XIII, temos os seguintes exemplos:

(1) “hy ((L)) outra casa mais **escusada e ascondida**”

(2) “**Estatuyo e quis e mandou**, que ((L)) e~ este mundo satisfça o home~ de seus pecados”

(3) “tornarom suas **façes** e seus **rrostr(os)** atras, assy como ((L)) sse visem hu~u~ maaõ e muy gravissimo pecado”

(4) “eo que per ((L)) a auga do s(an)c(t)o baptismo serey sanctificada e asy fugirey ((L)) e s(er)ey **livre e quite** do poderiio do diaboo”

No primeiro exemplo, a construção “escusada e ascondida” se apresenta redundante a partir do momento em que os termos *escusada* e *ascondida* apresentam o sentido de ‘escondido, oculto’. Sobre *escusada*, o DDGM oferece a seguinte definição para o termo ‘escusa’: ‘secretamente, a escondidas’ e traz algumas averbações: CSM 102.54 “en un logar escuso”, Cr. Cinco Reis “em hũ valle escuso” (p. 205). Já *ascondida* é a forma arcaica de *escondida*, no português contemporâneo, e admite também esse sentido.

Já na segunda construção, há uma redundância no acúmulo de sintagmas verbais, os quais são sinônimos. Desse modo, *estatuyo*, *quis* e *mandou* estão no sentido de ‘ordenar’. Quanto ao termo *mandou*, o DDGM oferece a seguinte definição para o termo ‘mandar’: ‘tr. ordenar; to order’ e traz uma averbação: “Pryamos sen mays tardar mandou buscar moytos obreyros”. Enquanto isso, o DVPM oferece a seguinte averbação para o verbo ‘querer’: “S15 DSG Nom? disse el. Par Deus, si é. Querede-lo provar? Mandade-o alongar daqui e entom veredes que vos digo verdade”. E, no tocante a *estatuyo*, o DVPM traz uma

averbação: S 13/14 VS3 “Estatuyo e quis e mandou, que ã este mundo satisfãa o homã de seus pecados”, corroborando a redundãncia.

Quanto ao terceiro exemplo, a redundãncia se dá pela sinonímia entre *façes* e *rrostros*. Ambos os termos se referem à parte anterior da cabeça. Sobre *rrostros*, o DDGM oferece a seguinte definição para o termo ‘rosto’: “rosto, faz, semblante, cara” e traz uma averbação: 53.10 “et quigi mãdar pintar a semelãça do seu rrostro”. Quanto ao termo *face*, o DDGM traz a seguinte averbação: “38.74 sol ena face non ll'ousavan mentes tãer”.

*Livre* e *quite*, no quarto exemplo, também podem ser considerados sinônimos coordenados. Ambos os termos estão no sentido de ‘desobrigação’. Sobre *livre*, o DDGM oferece a seguinte averbação: ‘176.31 do cep'e das cadãas de todo se livr'achou’. Sobre *quite*, o DDGM oferece a seguinte definição para o termo ‘quito’: ‘libre, exento de cargas, contribuciõs, impostos ou débedas’ e traz a seguinte averbação: “que sejades tjúdos de nos dar cada ano no dito lugar quito et foro de todo custo aa dorna a terça parte do bjño” 10.56 (1390).

No século XIV, também é possível perceber construções redundantes pelo acúmulo de sintagmas em que o núcleo é sinônimo. Assim, temos alguns exemplos:

- (5) “stavam outras muitas seedas muy bem apostadas e muytos **estrados** e **cubertos** de muy ricos e muy fremosos panos”
- (6) “E esta cousa tal que he eternidade infiinda e poderio infiindo he Deus, que **adoramos** e **amamus** e cuja graça esperamos”
- (7) “as outras cousas ham começo e som **prinçipiadas** e **começadas**”
- (8) “Todollos sabedores do mundo e ainda aquelles que meos sabem, asy come por regra, e como naturalmente, **ham** e **teem** por çerto que Deus he infiindo e muy alto bem”

No quinto exemplo, os termos *estrados* e *cobertos* são sinônimos, pois ambos apresentam o sentido de ‘coberto’. Sobre *estrados*, o DDGM oferece a seguinte definição: ‘cubierto; covered, strewed’ e traz algumas averbações: “forõ

tantos os mortos et os derribados que os canpos et os chãos erã estrados deles, II 90.28". Sobre *cobertos*, o DDGM oferece a seguinte definição para 'cobrir': 'cubrir, tapar; to cover' e traz uma averbação: "quando o ueu yr para tomar lo cobreu os ollos que o ñõ uise, II 175.20".

No sexto exemplo, temos *adoramos* e *amamus*, os quais são núcleos de sintagmas verbais e são sinônimos. Assim, ambos os termos estão no sentido de 'sentir afeição por algo'. Sobre *amamus*, o DDGM oferece a seguinte definição para o termo 'amar': 'gostar de, desejar' e traz uma averbação: "que fugisse ao mal et que amase o bem et amãdóó que gardase em ello a semellança de Deus" (27.5,6). Sobre *adoramos*, o DDGM oferece a seguinte definição para o termo 'adorar': 'palabra culta, pues la forma vulgar era aorar' e apresenta a seguinte averbação: "et onrrã a hũu deus en tres pesoas et Abraã vio tres et adorou hũu" (p. 122).

No sétimo exemplo, *principiadas* e *começadas* também são sinônimos, ambos apresentam o sentido de 'iniciadas'. Acerca de *começadas*, o DDGM oferece a seguinte definição para o termo 'começar': 'empezar, iniciar, principiar' e apresenta a seguinte averbação: "que seja obrigado de plantar da dita vjna a parte que da dita herdade está por plantar (...) a qual ey de começar et continuar et acabar d' oje este dito día fasta quatro anos conpridos".

Os núcleos dos sintagmas verbais *ham* e *teem*, em (8), também se apresentam como redundantes. Esses verbos, no português arcaico, apresentavam-se em variação. Nesse sentido, "não há indícios de que se possa tratar *aver* de modo diverso do tratamento dado a *teer*, os dois verbos parecem estar em variação livre" (MATTOS e SILVA, 1989, p. 448).

No século XV, também é possível perceber redundâncias por repetição de sintagmas sinônimos, como nos seguintes exemplos:

(12) "e por demostraça~o de muy g(ram)des millagres que ho sen(h)or D(eu)s por muytas vezes amte os olhos humaa(n)os quis apresemtar e~ **corroboraçã~o & confirmaçã~o** da sua samta ffee católica"

(13) "nos poemas **fim** e **acabamento** a nossa door"

(14) “que casasse Dona Costança, filha do dito Rei Dom Pedro de Castella, com o Iffamte Dom Joham; e a outra filha, que chamavom Dona Isabel, casasse com o Iffamte Dom Denis; e que os **esposoiros** e **casamentos** destes fossem acabados dhi a seis anos”

(15) “E por quanto estes recebimentos e casamento nom foi exemplado a todollos do reino, em vida do dito Rei D. Affonso, por **medo** e **reço** que seu filho dei avia”

No décimo segundo exemplo, *corroboração* & *confirmação* são sinônimos, pois ambos estão no sentido de ‘ratificar’. Sobre *corroboração*, o DDGM oferece a seguinte definição para o termo ‘corroborar’: ‘Confirmar, corroborar ou revalida-lo xa aprobado ou concedido’ e apresenta também uma averbação: “que o dito conçello lles devya dos custos que fezera en confirmar os privilegios do dito conçello” (8189). Acerca de *confirmação*, o DDGM oferece a seguinte definição para o termo ‘confirmar’: “confirmar, ratificar, certificar” e apresenta a seguinte averbação: IPres., a. 1228 “esta karta roboro et confirmo” (21.8).

*Fim* e *acabamento*, no décimo terceiro exemplo, são sinônimos por apresentarem o sentido de ‘término’. Sobre *acabamento*, o DDGM oferece a seguinte definição para o termo ‘acabar’: ‘rematar, concluir, terminar’ e apresenta a seguinte averbação : 44.40 (1448) “a qual ey de começar et continuar et acabar d' oje este dito día fasta quatro anos conpridos”. Sobre *fim*, o DDGM apresenta a seguinte definição: ‘fin, término de una cosa’ e traz a seguinte averbação: “Et esto se fara y senpre des lo tenpo da tua vida ata o fim do mūdo”.

*Esposoiros* e *casamentos*, em (14), são sinônimos, pois ambos apresentam o sentido de ‘matrimônio’. Sobre *esposoiros*, o DDGM traz a seguinte averbação: “125.78 Os esposoyros juntados foron logo... e outro dia mannã casaron” e, para *casamento*, o DDGM apresenta a definição de ‘casamiento, boda’ e traz como averbação: “accepí ego Mummadonna villas Trabelle et Siluares quod iam tenebant filii mei in casamento a nobis concessas” (PMH Diplom. 35).

*Medo* e *reço*, em (15), são sinônimos por apresentarem o sentido de temor. Sobre *reço*, o DDGM apresenta a seguinte definição: ‘recelo, temor, de

reçar' e apresenta a seguinte averbação: "a. 1458 "con medo e reço delo" (Ferro p. 353). *Medo* é definido pelo DDGM como: 'miedo; fear' e há a seguinte averbação: "ouvo moy gran medo et moy grã pauor, 370.31, 22.15, 199.31".

Por fim, no século XVI, também podemos citar alguns exemplos dessas construções:

(16) "Excede o **iracu~do** e **sanhudo**, faleçe o preguiçoso"

(17) "Ai de mi, dizia David em pessoa dos pecadores, que a minha **casa** e **morada** he de my alõgada".

(18) "¡E, porque a magnanimidade e magnifice~cia faze~ e sigue~ grandes cousas, à proveza e à virgindade fugem todallas riquezas e delectações, segundo **manda** e **ordena** a razão recta"

(19) "se as poemas em outras materias arduas e nõ tã difficiles, som virtudes disti~ctas da fortaleza, pero **anexas** e **aju~tadas** a ella como virtudes secundarias aa principal"

No décimo sexto exemplo, ambos os termos *iracu~do* e *sanhudo* apresentam o sentido de 'raiva'. Para *sanhudo*, o DDGM oferece a seguinte definição para o termo 'sanha': 'saña, cólera, ira , probablemente de ĬNSĀNĬA locura furiosa' e oferece a seguinte averbação: a. 1223 "siquis ad uestram uillam per sania uenerit" (id. 593). Quanto ao termo *iracu~do*, o DDGM oferece a seguinte definição para o termo 'ira': 'sanha, indignação' e oferece a seguinte averbação: "aver a ira de alguém".

Quanto ao décimo sétimo exemplo, *casa* e *morada* também são sinônimos, assim, ambos apresentam o sentido de 'residência'. Para o termo *casa*, o DDGM oferece a seguinte averbação: 'vivenda, morada' e apresenta uma averbação: 1.16 (1332) "uay ffiryf em rredor em hũu caruallo que estaua a so a casa em que mora o dito Fernã Eanes", já o termo *morada* é definido, pelo DDGM, como 'lugar onde se vive, residência' e há uma averbação "en mjnas

casas de morada de mĩ, o dito notario, entõ paresçeron" 27.6 (1412).

Os núcleos dos sintagmas verbais, *manda* e *ordena*, no décimo oitavo exemplo, podem ser considerados sinônimos, pois ambos apresentam o sentido de 'imposição'. Sobre *manda*, o DDGM oferece a seguinte definição para o termo 'mandar': 'ordenar, imponer un precepto' e oferece a seguinte averbação: "Por ende mãdey rrematar a dita madade de casa et rremato ãno dito Afonso Gillelmes, et mãdo que a aja para todo senpre, sem embargo do dito Martín Pequeno" 24.74 (1407). Para *ordena*, o DDGM oferece a seguinte definição para o termo 'ordenar': 'mandar; to order, command', e traz a seguinte averbação: "ordenou que o nõ rreçebesen no rreyno, 345.14, 54.39".

Por fim, *anexas* e *aju~tadas*, em (19), também são sinônimos. Para *aju~tadas*, o DDGM oferece a seguinte definição: 'Axuntar, xuntar, unir unhas cousas con outras, agregar, engadir' e apresenta uma averbação: "et a custa que sobre elo fesesen que o scripvisen et juntasen aas outras custas que sobre elo eran feitas". Sobre *anexas*, o DDPM define 'anexar' como 'anexar, juntar' e traz a seguinte averbação: "1450 DN164PMi E anexam(os). p(er)a senpre a d(i)cta eg(re)ia de santiago da ca(r)ualhosa ao d(i)cto M(osteiro) de Vilarinho".

### 3.2 SINONÍMIA CONTEXTUAL

Nesta seção, serão apresentados exemplos de termos que, em determinada construção, passam por processos de mudanças em seu sentido, constituindo uma sinonímia em um contexto específico. No século XIII, temos o seguinte exemplo:

- (20) "E bem cuidavom, os que o nom conhoçiam, ((L)) que era mudo tam pouca era a ssa fala e ((L)) elle fraco e doente, e~ tal guysa, que poucas vezes ((L)) sse podya erger do leyto e quando se alçar podia, ((L)) hya **p(er)a ssa terra e p(er)a sas vinhas**"

Neste exemplo, ambos os termos apresentam o sentido de 'posse, território, terreno'. A redundância, neste caso, passa por um processo metonímico, já que as vinhas (terreno plantado de videiras) fazem parte do conjunto de terras que pertencem a um senhor.

No século XIV, um exemplo é:

(21) “E esta reynha estava **vistida** e **coverta** de sol”

Neste caso, ambos os termos apresentam o sentido de ‘envolver’. A redundância, neste caso, passa por um processo metafórico, já que *coverta* pode ser entendido como vestido.

Um exemplo de sinonímia contextual do século XV é:

(22) “vem as **tempestades**, e **tribullações** sobre o poboo”

. O termo *tempestades* funciona como sinônimo de *tribullações*. Ambos os termos apresentam o sentido de ‘aflições’. A redundância, neste caso, passa por um processo metafórico, já que a palavra *tempestades* está sendo tomada pelo o que causa, sendo assim um uso sinonímico para *tribullações*.

Por fim, no século XVI, temos um exemplo de sinonímia contextual em:

(23) “neste mu~do cheo de **lagrimas** e **tristezas** porque he lugar de degredo”

Neste caso, ambos os termos apresentam o sentido de ‘magoas’. A redundância, neste caso, passa por um processo metonímico, já que lágrimas está no sentido de tristeza.

### 3.3 PARASSINONÍMIA

Outro caso de construção redundante que é necessário abordar é a formada pela colocação de sintagmas parassinonímicos coordenados. No século XIII, temos os seguintes exemplos:

(24) “a cova mui negra e mui ((L)) espantosa e tamanho era hy o bater dos dentes e ((L)) **o choro** e **os braados** que se nom podiam hi ouvir ((L)) hu~u~s co~ os outros”

(25) “E logo sse lançou e~ t(e)rra, ferindo sua face de ((L)) feridas, e com muitas lagrimas **rregando** e **molhando** ((L)) a terra”

No exemplo (24), vê-se que *choro* e *braados* são parassinônimos, pois ambos estão no sentido de ‘lamentação’. *Braados* pode ser entendido, pelo DDGM, como ‘grito, clamor’, sendo parassinônimo de *choro*, que tem como definição, pelo DDGM, ‘lloro, llanto; weeping, lamentation’ e há a seguinte averbação “foy grande o doo et os choros que as donas et as donzelas fazian, I 347.25, II 120.9”.

No exemplo (25), *rregando* e *molhando* também são parassinônimos, ambos apresentam o sentido de ‘verter água’. *Rregando*, embora seja mais específico para terras e plantações, pode ser entendido como parassinônimo de *molhar*. Sobre *rregando*, o DVPM traz a seguinte averbação: “S13/14 VS3 os pees do (san)c(t)o bispo Nono **regava** e molhava e com se(os) cabelos os alinpava”, em que há os termos *regava* e *molhava* coordenados, constituindo-se, dessa forma, uma redundância.

No século XIV temos os seguintes exemplos:

(26) “asy como o spritu vidal, que dá vida ao corpo do homem, he **liamento** e **honiom** do corpo com a alma, bem asy, e per melhor maneira.”

(27) “E asy he em Deus **verdadeira** e **reall** concordança.”

No exemplo (26), *liamento* e *honiom* são parassinônimos. Nesse caso, ambos os termos apresentam o sentido de ‘ligação’. Sobre *liamento*, o DDGM oferece a seguinte definição para o termo ‘legar’: ‘unir, atar’. Del latín LĪGĀRE e traz uma averbação: “leguen los pees do cauallo” (20.21). No tocante ao termo *honiom*, o DVPM traz a seguinte averbação para o termo unir: “S14 CI o Filho de Deus **uniu** e juntou consigo em hũa cousa, a quall natura humanall partiçipa e á parte com toda cousa criada”.

No exemplo (27), *verdadeira* e *real* também são parassinônimos, assim, ambos estão no sentido de ‘coisa que não é falsa’. Sobre *verdadeira*, o DDGM define ‘verdade’ como ‘conformidade do que se di ou pensa coa realidade’ e traz

as seguintes averbações: "eles disesen e declarasen a verdade que soubesen sobre rrazón das herdades" 28.11 (1412) e "verdadeiramente disesen et declarasen a verdade que soubesen sóbrela dita rrazón" 28.21 (1412). Acerca de real, o DDGM oferece a seguinte definição "real, propio de rey' , del lat. RĒGĀLIS ”

No século XV também estão presentes essas construções, como:

(28) “caa no~ soomente hera neçessario homem **ardido & forte**, mas aynda prudente & avisado no auto da guerra.”

(29) “Ficou elRei **triste e menemcorioso**”

No vigésimo oitavo exemplo, *ardido* e *forte* são parassinônimos, por isso há uma redundância. Ambos os termos estão no sentido de 'valente'. Assim, o DDGM, para *ardido*, traz a seguinte definição: 'valiente, intrépido, atrevido, animoso, denodado' e traz a averbação: CSM 63.13 "este cavaleiro... franqu' e ardid' era". Sobre *forte*, o DDGM traz a seguinte definição: 'fuerte, valiente, resistente, vigoroso' e traz uma averbação: 101.1 "et Oliueiros, conde de Jenes, caualeiro moy forte et moy sabedor de lidar".

Enquanto isso, no vigésimo nono exemplo, *triste* e *menemcorioso* também para são parassinônimos, pois o estado de menencia é semelhante à tristeza.

Por último, no século XVI, há também os seguintes exemplos:

(30) “e~ este caso a caridade te obriga a lhe **fallar e cõversar** geeralmente e perdoar a ofensa”

(31) “Ou quando, per sua negligencia e pouca justiça, se faze~ **furtos e roubos** em ho povoo”

(32) “Faz lhe perder os **amiguos e companheiros** porque perde ho credito”

Em (30), a redundância ocorre pela colocação dos parassinônimos *falar* e *côversar*. Sobre *falar*, o DDGM apresenta a seguinte definição: 'hablar, conversar' e dá uma averbação: 318.8 "sua fala feyta enviarõno - cõnos mouros". Já *côversar* é a forma arcaica de *conversar*, no português contemporâneo, e admite também esse sentido.

No trigésimo primeiro exemplo, *furtos* e *roubos* também são parassinônimos. Assim, para *furtar*, o DDGM dá a seguinte definição: "hurtar, robar" e traz como averbação: "teus cõpaneiros furtarã da cabeça que leuas dous dentes". Quanto a *roubar*, o DDGM traz a seguinte definição: "robar, saquear; to rob, plunder, steal" e traz a seguinte averbação: "partiron ben por suas masnadas os grandes tesouros que rroubaran" | 104.30, | 95.5, | 108.21, | 121.24.

Por fim, em (32), *amiguos* e *companheiros* são parassinônimos, pois *amiguos* apresenta a seguinte definição pelo DDGM: 'o que tem amizade a outrem' e ainda há uma informação acerca do termo 'Em numerosas cantigas de amor, o trovador dirige-se aos seus companheiros chamando-os amigos'. Portanto, *amiguos* e *companheiros*, ao serem coordenados, apresentam-se redundantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora haja uma complexidade envolvida nos estudos de viés histórico, esses têm sua importância tanto para o entendimento do passado como para a compreensão do presente. Nesse ponto, por meio de estudos da história, podemos conhecer a nós mesmos e a humanidade.

No tocante à história da língua portuguesa, a importância do estudo do período arcaico do português cinge-se não só acerca da descrição de fenômenos do período arcaico da língua, mas também é uma forma buscar explicações para fenômenos do português contemporâneo. Nessa acepção, “o passado se esgueira pelo presente e pode clareá-lo, mesmo que se tenha, teoricamente, em muitos casos, como explicar o presente sem viagens pelo passado” (MATTOS e SILVA, 2006).

Nesse sentido, ao se estudar o fenômeno da redundância do português arcaico, considerando o contexto histórico desse período, temos uma tentativa de compreender o fenômeno linguístico da redundância. Além disso, é uma forma de se buscar a compreensão de aspectos da sociedade séculos XIII a XVI, os quais são refletidos na língua. No mais, houve, neste trabalho, uma contribuição da LC para o estudo das formas de pensar, de compreender, de dizer, de convencer e explicitar o que se pensa, dadas a partir dos processos de processos de metaforização e metonimização.

Assim sendo, a partir dos dados analisados neste trabalho, percebemos que a redundância é um fenômeno presente nos séculos XVIII, XIV, XV e XVI. Então, além da redundância ser dada pela colocação coordenada de termos sinônimos, ela também perpassa os processos de metaforização e metonimização.

Insta frisar ainda que os termos coordenados, nos dados deste trabalho, ou são coordenados pela conjunção aditiva e ou são coordenados por vírgula, ou seja, trata-se de termos coordenados sindéticos e assindéticos.

Todavia, o estudo realizado neste trabalho ainda deixa lacunas a serem preenchidas. Nesse sentido, este trabalho está dentro do escopo de um trabalho de conclusão de curso, portanto, há limitações temporais para o aprofundamento das análises e uma quantidade limitada de dados.

Desse modo, para que esta pesquisa tenha um resultado conclusivo e para se afirmar que a redundância é um fenômeno generalizado no português arcaico é necessária uma análise mais ampla de dados. Ademais, é necessária a inclusão de outros textos, os quais são representativos e importantes para o estudo do português arcaico. Além disso, destaca-se que há a necessidade de se estudar com maior profundidade as estruturas que passam pelos processos de metaforização e metonimização, com o objetivo de compreender as categorizações do mundo e como os valores culturais da sociedade são refletidos nessas estruturas.

## REFERÊNCIAS

CÂMARA JR., J. M. **Contribuição à Estilística da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Edições da “Organizações Simões”, 1953.

\_\_\_\_\_.Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1998

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. 11. ed. Trad. de Frederico Pessoa de Barros et al. São Paulo: Cultrix, 2001.

FERRARI, Lilian. \*Introdução à linguística cognitiva\* . São Paulo, Contexto, 2018

LAFACE, Antonieta. Leitura crítica- sinonímia e parassinonímia, fonte de interação histórica cultural discursiva. **Leitura, discurso história, sujeito, ideologia**, n. 30, jul. - dez, 2002, p. 255-264.

LAKOFF, George. **\*woman, fire, and dangerous things.\*** Chicago: The University of Chicago, 2000.u

\_\_\_\_\_.& JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

MELO, V. L. . **O uso das palavras cruzadas para ampliação lexical dos alunos do ensino médio**. 2016.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 7ª. edição. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1997.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. 4ª. edição. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Mattos Rosa. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática de português arcaico**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

TRASK, Larry R. **Dicionário de linguagem e lingüística**. Trad. de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

ULLMANN, S. **Semântica**. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964

Quadro 2 – Exemplos de Redundância no Século XIII

| Termos redundantes           | Averbação   | Séc. | Texto | Pág. |
|------------------------------|---|------|-------|------|
| escusada e escondida         | A hy ((L)) outra casa mais escusada e escondida?  | XIII | VS1   | 66v  |
| o choro e os braados         | a cova mui negra e mui ((L)) espantosa e tamanho era hy o bater dos dentes e ((L)) o choro e os braados que se nom podiam hi ouvir ((L)) hu~u~s co~ os outros | XIII | VS2   | 74r  |
| Estatuyo e quis e mandou     | Estatuyo e quis e mandou, que ((L)) e~ este mundo satisfça o home~ de seus pecados,   | XIII | VS3   | 74v  |
| suas faças e seus rrostr(os) | tornarom suas faças e seus rrostr(os) atras, assy como ((L)) sse visem hu~u~ maaos e muy gravisimo pecado   | XIII | VS3   | 75v  |
| rregando e molhando          | E logo sse lançou e~ t(e)rra, ferindo sua façe de ((L)) feridas, e com muitas lagrimas rregando e molhando ((L)) a terra                                      | XIII | VS3   | 76v  |
| livre e quite                | eo que per ((L)) a auga do s(an)c(t)o baptismo serey sanctificada e asy fugirey ((L)) e s(er)ey livre e quite do poderiio do diaboo                           | XIII | VS3   | 78v  |

|  |  |      |     |     |
|--|--|------|-----|-----|
| p(er)a ssa<br>terra e p(er)a sas<br>vinhas | E bem cuidavom, os que o nom conhoçiam, ((L)) que era mudo tam pouca era a ssa fala e ((L)) elle fraco e doente, e~ tal guysa, que poucas vezes ((L)) sse podya erger do leyto e quando se alçar podia, ((L)) hya p(er)a ssa terra e p(er)a sas vinhas | XIII | VS2 | 73v |
|--|--|------|-----|-----|

Elaboração própria

Quadro 3 - Exemplos de Redundância no Século XIV

| Termos redundantes           | Averbação  | Séc. | Texto | Pág. |
|------------------------------|--|------|-------|------|
| estrados e cubertos          | stavam outras muitas seedas muy bem apostadas e muytos estrados e cubertos de muy ricos e muy fremosos panos           | XIV  | CI    | 5    |
| vistida e cuberta            | E esta reynha estava vistida e cuberta de sol  | XIV  | CI    | 6    |
| adoramos e amamus            | . E esta cousa tal que he eternidade infiinda e poderio infiindo he Deus, que adoramos e amamus e cuja graça esperamos | XIV  | CI    | 12   |
| som prinçipiadas e começadas | as outras cousas ham começo e som prinçipiadas e começadas   | XIV  | CI    | 22   |

|                    |   |     |    |    |
|--------------------|---|-----|----|----|
| ham e teem         | <p>           Todollos sabedores do mundo e ainda aquelles que meos sabem, asy come por regra, e como naturalmente, ham e teem por çerto que Deus he infiindo e muy alto bem         </p> | XIV | CI | 37 |
| liamento e honiom  | <p>           asy como o spritu vidal, que dá vida ao corpo do homem, he liamento e honiom do corpo com a alma, bem asy, e per melhor maneira         </p>                                | XIV | CI | 43 |
| prinçipio e começo | <p>           E porem o intendimento de Deus he prinçipio e começo do entender sem ne~hu~u meyo         </p>  | XIV | CI | 46 |
| verdadeira e reall | <p>           E asy he em Deus verdadeira e reall concordança         </p>  | XIV | CI | 49 |

Elaboração própria

Quadro 4 - Exemplos de Redundância no Século XV (Parte 1)

| Termos redundantes         | Averbação  | Séc. | Texto | Pág. |
|----------------------------|--|------|-------|------|
| corroboração & confirmação | e por demonstraço de muy g(ram)des millagres que ho sen(h)or D(eu)s por muytas vezes amte os olhos humaa(n)os quis apresemtar e~ corroboração & confirmação da sua samta ffee catolica | XV   | ZPM   | 005  |
| ardido & forte             | caa no~ soomemte hera neçessario homem ardido & forte, mas aymda prudente & avisado no auto da guerra.   | XV   | ZPM   | 027  |

Elaboração própria

Quadro 5 - Exemplos de Redundância no Século XV (Parte 2)

| Termos redundantes          | Averbação   | Séc. | Texto | Pág. |
|-----------------------------|---|------|-------|------|
| tempestades, tribullações e | vem as tempestades, e tribullações sobre o poboo  | XV   | CDPI  | 4    |
| fim e acabamento            | nos poemas fim e acabamento a nossa door  | XV   | CDPI  | 5    |
| sua casa e seu senhorio     | Entom hordenou elRei, e pos deffesa em sua casa e todo seu senhorio   | XV   | CDPI  | 7    |
| esposoiros e casamentos     | que casasse Dona Costança, filha do dito Rei Dom Pedro de Castella, com o lffamte Dom Joham; e a outra filha, que chamavom Dona Isabel, casasse com o lffamte Dom Denis; e que os esposoiros e casamentos destes fossem acabados dhi a seis annos | XV   | CDPI  | 16   |
| medo e reção                | .E por quanto estes reçãomentos e casamento nom foi exemplado a todollos do reino, em vida do dito Rei D. Affonso, por medo e reção que seu filho dei avia  | XV   | CDPI  | 29   |
| triste e menemcorioso       | .Ficou elRei triste e menemcorioso  | XV   | CDPI  | 40   |

Elaboração própria

Quadro 6 - Exemplos de Redundância no Século XVI

| Termos redundantes     | Averbação  | Séc. | Texto | Pág. |
|------------------------|--|------|-------|------|
| lagrimas e tristezas   | neste mu~do cheo de lagrimas e tristezas porque he lugar de degredo  | XVI  | Cat   | 17v  |
| casa e morada          | "Ai de mi, dizia David em pessoa dos pecadores, que a minha casa e morada he de my alõgada".   | XVI  | Cat   | 17v  |
| fallar e cõversar      | e~ este caso a caridade te obriga a lhe fallar e cõversar geeralmente e perdoar a offensa  | XVI  | Cat   | 22r  |
| furtos e roubos        | Ou quando, per sua negligencia e pouca justiça, se faze~ furtos e roubos em ho povoo   | XVI  | Cat   | 30v  |
| amiguos e companheiros | Faz.lhe perder os amiguos e companheiros porque perde ho credito   | XVI  | Cat   | 32r  |
| iracu~do e sanhudo     | Excede o iracu~do e sanhudo, faleçe o priguiçoso   | XVI  | Cat   | 34r  |
| manda e ordena         | ¡E, porque a magnanimidade e magnifice~cia faze~ e sigue~ grandes cousas, à proveza e à virgindade fugem todallas riquezas e delectações, segundo manda e ordena a razão recta | XVI  | Cat   | 34v  |
| anexas e aju~tadas     | se as poemas em outras materias arduas e nõ tã difficiles, som virtudes disti~ctas da fortaleza, pero anexas e aju~tadas a ella como virtudes secundarias aa principal         | XVI  | Cat   | 37r  |

Elaboração própria